

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
Teremos Sempre Michael Curtiz  
2 e 30 de Junho de 2025

## ALIAS THE DOCTOR / 1932

*um filme de Michael Curtiz*

Realização: Michael Curtiz / Co-realização: Lloyd Bacon (não creditado) / Argumento: Houston Branch e Charles Kenyon, baseado na peça *A Kuruzsló*, de Imre Földes / Fotografia: Barney McGill / Som: David Forrest / Montagem: Frank Magee, William Holmes / Director artístico: Anton Grot / Música: Bernhard Kaun, Sam Perry / Interpretação: Richard Barthelmess (Karl Brenner), Marian Marsh (Lotti Brenner), Norman Foster (Stephan Brenner), Adrienne Dore (Anna), Lucille La Verne (Martha Brenner, mãe de Carl), Oscar Apfel (Keller), John St. Polis (Dr. Niergardt), George Rosener (Dr. Franz von Bergman), Nigel de Brulier (médico legista, Boris Karloff, noutra versão).

Produção: First National Pictures (Warner Bros. Pictures, Inc., Estados Unidos da América) / Título alternativo: “Environment” / Cópia: da Library of Congress, em 35mm, preto e branco, versão inglesa, legendagem eletrónica em português / Duração: 61 minutos / Estreia Mundial: 26 de Março de 1932, Estados Unidos / Primeira apresentação na Cinemateca.

---

**Alias the Doctor** é um título algo esquecido na vasta filmografia de Michael Curtiz. Justifica-o o ritmo acelerado da sua produção, pois só em 1932 realizou filmes como **The Woman from Monte Carlo** (aquele que antecede **Alias the Doctor**), **The Strange Love of Molly Louvain** (o que imediatamente lhe sucede), mas também **Doctor X** ou **Cabin in the Cotton**. Uma rapidez que não era exclusiva do cinema de Curtiz, mas que derivava de uma velocidade imposta pela Warner, que corresponderia aos seus anos de crise, sensivelmente entre 1931 e 1934. Produziam-se filmes a um ritmo acelerado, com rodagens que muitas vezes não duravam mais de dez dias, salários mais baixos, e condições piores que antes, cuja duração não excedia muitas vezes os sessenta e cinco minutos, e o resultado era desigual. Como refere René Noizet, Curtiz, mas também Lloyd Bacon, William Wellman ou Mervyn Le Roy, produziam assim cada um quatro longas por ano, grande parte das quais sobre problemas da época, envolvendo ainda uma mistura de géneros, o que coincidiria simultaneamente como uma marca da Warner e de Curtiz.

**Alias the Doctor** baseia-se numa peça do húngaro Imre Földes, que Curtiz já levava ao ecrã duas vezes, a primeira em 1917, com o título dessa mesma peça, **A Kuruzsló**, e a segunda em 1923, sob o nome de **Namenlos**, em anos em que, a trabalhar na Europa, ainda assinava Mihaly Kertesz. No início dos anos trinta o realizador teve assim o arrojo de convencer a Warner a produzir esta terceira versão, que alia a originalidade e a ousadia da peça a uma ousadia formal. Curtiz retoma a mesma história do sacrifício de um homem que assume uma falsa identidade por amor à sua mãe, e realiza um filme com o apoio de Lloyd Bacon, que não é creditado, mas que consta que o terminou. Em Inglaterra estrearia uma versão com mais dez minutos, e seria realizada ao mesmo tempo uma versão francesa, como era comum na época, dirigida por um assistente de Curtiz, John Daumery, com o título **Le cas do docteur Brenner**. Conjuntamente com **The Strange Love of Molly Louvain**, **Alias the Doctor** faz a fronteira entre as “Early American Features” de Michael Curtiz e os seus “Peak

American Years”, termos forjados por Roy Kinnard e R. J. Vitone no seu *The American Films of Michael Curtiz*, no qual dedicam escassíssimas linhas a estes filmes, para se concentrar no conjunto de títulos que sucedem a **Doctor X**, o filme que inaugura tal capítulo que consagram ao “período áureo” do cineasta. Nesse período, e ainda na década de trinta, encontramos os sempre citados **Captain Blood** (1935) e **The Adventures of Robin Hood** (1938), ambos com Errol Flynn e Olivia de Havilland, ou **Angels with Dirty Faces** (1938), com James Cagney e Bogart. **Alias the Doctor** está assim entre a cerca de uma centena de filmes que Curtiz fez nos Estados Unidos depois de muitos realizados na Europa, de onde partiu em 1926.

Este é um período de grandes mudanças. O mudo já havia dado lugar ao sonoro, e a cor coexiste com o preto e branco – **Alias the Doctor** ainda está distante do gótico de **Doctor X** ou de **Mystery of the Wax Museum** (1933), ambos produzidos em duas versões, uma em preto e branco e outra em Technicolor –, sendo este também um período em que se começam a impor os constrangimentos do Código Hays, que provoca censura e autocensura, mas que também desperta a imaginação do cineasta e a sua vocação para desafiar os interditos. Curtiz arrisca “na mesa das operações”, algo que seria proibido e, acima de tudo, na questão do aborto, o que força a algumas alterações de argumento (no sentido de não parecer um aborto, e de ser dada, outra causa à operação falhada) e obriga ao corte de cenas com Boris Karloff. Nigel de Brulier substituiria Karloff em várias sequências do filme devido a razões de censura e ao impedimento de Karloff de rodar novas cenas num momento posterior, figurando este em apenas algumas versões.

Encontramo-nos perante um drama social e familiar, em que Richard Barthelmess e Norman Foster, respectivamente Karl e Stephan Brenner encarnam os dois irmãos (o primeiro adoptado) que estudam medicina e se encontram em apuros depois de tal “operação ilegal” a uma jovem rapariga, que corre mal, conduzida pelo segundo sob o efeito do álcool, mas assumida pelo primeiro. Sacrificando-se Karl por devoção ao irmão e à mãe, uma nova troca de identidades depois da morte do irmão e a sua ascensão enquanto renomeado cirurgião (sem diploma) ditará o seu destino. Questões como o contraste entre a vida no campo e na cidade (a circularidade do filme numa óbvia e metonímica vontade de ligação de Karl à terra), o desejo de ascensão social associada à pressão familiar (o estudo da medicina por dois irmãos sem vocação em prol de uma vontade e do sacrifício dos pais), e um conjunto de comportamentos considerados imorais, conduz os protagonistas a tal história sacrificial, que envolve ainda a irmã, por quem Karl está apaixonado. Uma história polémica no contexto que se vivia nos Estados Unidos.

Em **Alias the Doctor** é fácil reconhecer o estilo Curtiz: a extrema mobilidade da câmara, ângulos variados e por vezes inusitados, contrastes entre luzes e sombras impregnados de expressionismo, rapidez na narrativa, ou o uso da elipse. É veloz o modo como se sucedem as situações e se desenvolve a narrativa num filme que comporta alguns momentos visualmente assombrosos. Se a versão de 1923 foi fotografada por Gustav Ucicky, cuja imagem terá definitivamente influenciado Curtiz, esta de 1932 conta com participação de Anton Grot, decorador de origem polaca cuja sensibilidade próxima do expressionismo alemão marcará também Curtiz e apoiará a ousadia visual do seu cinema, mesmo em filmes de menor destaque. É belíssimo o modo como é filmada a sequência que sucede à operação ilegal da jovem rapariga, com opções muito marcadas em termos de composição, enquadramentos dentro dos enquadramentos, e um apurado trabalho sobre os contrastes e as sombras. Elementos que acentuam a gravidade do momento e originalidade de **Alias the Doctor**.